

Carta de um Escravo de Guerra à Madre Poesia

Por Arthur Henrique Correa Peres

Minha mãe, tempos de morte clamam por vidas.
Pedem justiça, seus filhos injustiçados,
acendem o fogo que arde de suas batidas,
queimam as correntes dos seus antepassados.

Rostos dançam, se escondem em panos calados
(frias faces feitas de feridas flamejantes).
Minha mãe, o Cerrado arde em tempos gelados!
Nos picos dessa cidade, lágrimas cintilantes!

A Catedral de Santo Antônio que reza
um cochicho viajante espreitando o inverno,
que vêm da lástima da mãe que não despreza
a dor de ver um filho deitado em seu terno!

Memórias dessa nova era fincam o escopo
da minha mente, reviram minhas entranhas.
Todos tão distantes, você bem lá no topo,
no limiar da minha visão, tu que me arranhas!

Tantas almas condenadas ao árduo trabalho
das minas, filhos sem pátria enfrentam a noite!
A doença sai da montanha e cai no orvalho,
explode o resto do ouro, do café e do açoite.

Coronéis que criaram criptas nessa cidade,
agora, carregam culpas cruéis aos bastardos...
não há patente blindada à guerra que invade!
O anjo e o diabo, pela mesma onda, são arrastados!

Esperamos desarmados, sob as trincheiras,
pelo vulto que avança sobre o inimigo.
Liberdade Guiando o Povo rompe barreiras!
Luta contra o invisível, traz a paz consigo!

Tu és, Poesia, infinita, solidão desconexa,
verso perdido, livro em branco já escrito,
minha cura desalmada, em corpo e alma, anexa;
meu carro de fuga desse futuro aflito!

Mas, na lagoa, voltam os patos por saudade;
o dia floresce e cavalga pelo horizonte.
Cena idílica depois da nossa crueldade!
Renascem os rios que meandram o monte.

E eu buscarei, entre esses mil homens sem rostos,
a face libertária em versículo alado.
E eu enterrarei nossos poemas mais ocultos,
porque amor arde sem se ver; e o que se vê já é passado.